



Jovens **medicados**

Quando eu era jovem, me movimentar e manter o foco era quase um ritual.

Eu fazia capoeira. Respirava. Conversava. Fazia terapia.

Não era rápido nem fácil — mas era vivo.

Equilibrar a mente e as emoções exigia presença.

E talvez, por isso mesmo, tivesse sentido.

Hoje, uma nova promessa atravessou o oceano e se instalou entre nós com uma elegância perigosa: a ideia de que saúde pode ser comprada na farmácia.

Em cápsulas.

Em miligramas.

Em soluções rápidas.

Uma cultura bem americana: prática, eficiente, convincente, que começa a redesenhar, silenciosamente, a relação do jovem brasileiro com o seu próprio corpo.

Aderal, Mounjaro, Venvanse...

Os “aditivos”, teoricamente, ajudam a daros conta da pressa, exigência constante de desempenho, de foco, de controle.

E, diante disso, muitos recorrem ao que parece mais simples: ajustar a mente quimicamente para caber nesse mundo frenético.

Estudos já apontam que o uso de estimulantes entre jovens, muitas vezes sem indicação médica, cresce impulsionado por pressão acadêmica e emocional, levando a um cenário assustador de dependência e desregulação fisiológica.

Mas, para além dos dados, o que se revela é algo mais sutil: uma dificuldade coletiva de sustentar a própria experiência de estar vivo.

Estamos trocando processos por atalhos?

Não se trata de negar a medicina — ela é essencial; muitas vezes decisiva.

Mas não pode substituir a nossa capacidade de habitar o próprio corpo sem pressa.

De escutar uma emoção sem querer corrigi-la imediatamente.

Porque há coisas — as mais importantes, talvez — que não cabem em comprimidos.

Ainda bem.

